

Jornadas INCONSCIENTE E PULSÃO
4/5/6 de agosto de 2006

Na direção de um Real efeito de sentido: a forçagem polifônica (1)

Edgardo Feinsilber

Wittgenstein faz um esclarecimento que vai servir para nos situarmos neste caminho do sentido: “Não nos damos conta da prodigiosa diversidade de jogos de linguagem cotidianos porque o revestimento exterior de nossa linguagem faz com que tudo apareça igual”. Assim, para nos introduzirmos no tema da forçagem, vamos nos lembrar da reflexão crítica de Lacan no seu Seminário *Os Nomes do Pai* em 11/12/73 onde sustentou que se o saber surge como conseqüência de outro significante, o segundo significante faz dois em aparência, já que em verdade não tem relação com o primeiro, pelo que não formam cadeia, rejeitando assim a sua anterior conceição nos *Escritos*. Agora afirma: “É um erro. O laço de S1 e S2 é pura forçagem. Eis aí um dos pilares do discurso analítico”, questão que tenho trabalhado em meu texto *La interpretación en psicoanálisis. De la sugestión al forzaje (A interpretação em psicanálise. Da sugestão à forçagem)*..

O que Lacan propunha é processar o texto ao estilo do pequeno Hans com a girafa, do desenho que ele fez das girafas. Essas girafas por ele desenhadas, uma grande outra pequena, para logo amassar o papel. Bem, isso chama-se, em francês, *chiffonnage*, amassamento. Lacan nos propõe poder brincar com as palavras amassando-as, rompendo essa idéia pela que todos os termos tomam um valor único e envolvente, quer dizer poder escutar o dito como se estivesse amassado, como se houvesse, no dito, também outra coisa escrita com letras ocultas, como diria Deleuze, ao modo da dobra. Por exemplo: se escrevo uma palavra em uma bandeira, segundo seu movimento ondulante vamos ler por vezes umas letras e por vezes outras, o que resultará em outra palavra; ainda que estejam inscritas as mesmas letras, algumas vezes vou entender que diz uma coisa pelo que se da a ler, e outras vezes vou ler outras coisas, com o qual vou ser levado a outra significação. Tomamos como uma primeira referência a este ponto a proposta de Lacan em seus *Escritos* com o exemplo das crianças que lêem os cartazes da estação ferroviária segundo suas perspectivas visuais e sexuadas.

Se pensarmos que a leitura do inconsciente for depender disso, nos poderíamos escutar coisas distintas, o que não cessaria de provocar equívocos. Desde que se a lei do significante determina a realidade, o faz desde os semas que o constituem. Pelo que mais além de esta possibilidade, podemos inventar outras palavras por homofonias, com repetições dos mesmos somos, aburacando o sentido do dito, restando-lhe significações congeladas. Isto é propiciar um estilo desde a letra entendida como materialidade linguageira, promovendo o jogo de frases. Por exemplo: a letra no nome próprio como fez Marcel Duchamp transformando-o em Marchand du Sel, -Mercader do Sal- como um jogo de equívocos, tocando as sílabas mas respeitando os semas, cambiando-lhes a ordem; sustentando o brincar com as palavras.

Quer dizer que uma possibilidade que temos para a interpretação é ir cortando as palavras ditas com escanções, para situar significações substitutivas metafóricas pelo que resôa na significação à modo repetitivo; e outra diferente é escutar no que com-sôa por substituições não metafóricas, por substituições heteronímicas, seguindo a clinâme das letras. Temos assim uma reversibilidade não metafórica, não regida pelas repetições condicionadas pelos Nomes-do-Pai, em tanto estas últimas são um intento de restituir o

herdado. Assim situaria-se uma escuta diferente na operatividade do analista, desde a forçagem dos significantes articulados em uma língua e pelo tanto mais além do recalçado, já que se trataria de um real efeito de sentido, não antecipado pelo simbólico. É justamente nisso em que consiste sua novidade.

Temos assim o que diferencia a forçagem da interpretação. Se nos limitarmos aos semas que conformam os fonemas com os que se constituem o significante, isto pode nos remeter a um dicionário, onde cada palavra tem uma diversidade de significados. Em última instância, Lacan disse que desde qualquer significante de uma língua podemos chegar a sua significação fálica, o significante do falo ao que chama então significante zero. Mas também sustentava Borges em uma conferência sobre a metáfora, que ela tem seus limites, porque se tudo remete a tudo, não se concretiza a significação. A metáfora tem como limite na significação um certo ângulo de dispersão. É tarefa do poeta fazer com que esse ângulo de dispersão que suporta a diferença seja entendível, e pelo tanto em nossa clínica é opção do analista no que tem de suficiente poeta, o alcançar com seu dizer condicionado pela sua escuta, efeitos reais de sentido que vão mais além do uni-sentido fálico, desde que o sintoma se alimenta com o significado fálico, engrossado com um sentido unificante.

Assim, ainda que não seja qualquer palavra que possa dizer metaforicamente qualquer coisa, sim tem sempre uma re-significação fálica, pelo que com os semas centrados no semântico estamos na linha da lingüística, em uma concepção da lingüística com sua pretensão de cientificidade de princípios do século anterior: também esta é em uma posição científica pretendida para a psicanálise, a de pensar que o inconsciente está constituído por pensamentos cuja tradução deve se realizar em uma única língua. No entanto, se voltarmos ao esquema do ‘aparelho psíquico’ modelado por Freud, admitimos que o inconsciente não é apenas pensamento, mas que o constituem também as marcas do inscrito que vão se articulando, e que é dessa articulação da que surgem os pensamentos, se trabalhamos com os sons de outra maneira, chegaremos a outros semas com o que vamos obter significações trans-lingüísticas. Quer dizer a diversidade de *aslínguas* enquanto escritura das pulsões inconscientes.

Quando pensamos na possibilidade de alongação das línguas, de seu entrecruzamento para produzir novidades nas significações, isto não quer dizer que é nossa meta o conseguir que os analisantes falem outro idioma, qualquer que fosse. Lacan, em entrevista em Lausana, Suíça, publicada em uma coleção de divulgação em nosso médio, responde a um jornalista que lhe pergunta que queria dizer com pulsão. Por que Freud usava a palavra *Trieb* sendo que havia esse outro termo *instinkt*? E porque em inglês foi traduzido *Trieb* por *instinct*? Em alemão também encontramos o termo *instinkt*, referido à vida animal. Sua resposta foi que quando Freud escreve *Trieb* está falando dos recorridos pulsionais, e assim articulando a libido à língua, cada recorrido pulsional o é de cada *lalangue* pulsional. Desta maneira vamos reconhecer o transitar mais de um só caminho, não na busca de uma suposta origem primitiva de significação que entra na constituição do sujeito, de algo assim como um núcleo inconsciente que o determina. Faremos em cambio surgir outros efeitos agora reais de sentido, amassando as palavras, inventando outro mundo com essas *mots* que vão valer como significantes novos, para sair da opressão que a significação de uma palavra vai condicionando.

Para mostrar como podemos diferenciar a interpretação da forçagem, e ambos nas diversas possibilidades de leituras que oferecem, nos serviremos da obra de um desenhista que escreve seus próprios roteiros, Nik é seu heterônimo escolhido, que publicou durante um tempo em um jornal matutino de nossa cidade uma tira chamada *Gaturro*. Nela se dedicou durante uns meses a escrever o diálogo entre uma professora de inglês e o seu aluno, um gato que intentava a escolaridade, a quem lhe demandava na

aula uma tradução do castelhano para o inglês. Os diferentes exemplos nos mostram como é possível traduzir-interpretar o significante desde a polissemia de significações, mas também desde o fônico de cada língua que faz variar o que se escuta-entende.

Assim temos a pergunta:

Como se diz em inglês ‘Damasco’?: e a resposta de Gaturro é: *Repugnant lady*.

Tomemos varios exemplos para notar diferentes formas de leitura ou interpretação, em uns casos por corte e tradução semântica, com alguns de seus diversos significados, e em outros pela sonoridade das palavras, pelo fônico que se faz fonemático na escrita:

Longaniza (2): *long beach*

Vingança: *Come, stupid!*

Caralho: *Garlic face*

Alvarez: *To the bar is*

Amino-ácido: *No drug to me*

Tutankamón: *Your so big bad*

Re-galo (3): *Double Asterix*

Pituco (4): *3,14 + ketchup*

Filosofía: *Sophy's Boy Friend*

Beethoven: *Come, Beto*

Patrono: *For W. C.*

Mazapão: *More busard*

Como o significante não se remite apenas a ser uma palavra (*mot*) mas também a ser desde um fonema até uma frase, neste último caso as possibilidades de traduzir pela polifonia das múltiplas línguas que fala o inconsciente se multiplicam, seguindo a idéia de Freud que “o inconsciente fala mais de um só dialeto”. Vejamos estes exemplos tomados com o humor e a intuição do Nik:

Viva la Pepa: *Hurrah Pepe's wife*

Banheira giratória: *Tina Turner*

Estampilla (5)-selo: *She is so bad*

Depilar : *From conchet city*

Moco e' pavo (6): *Turkey's nose product*

Chauvinista: *Good bye wine drinker*

Juanetes: *The little Johns*

Mandou-me em cana: *She sent me in white hair*

Melhor me mando: *Better I order me*

Flor de matete (7) -confusão: *Flower of mom tea tea*

Anda a freir churros (8): *Go to fry goodlookings*

Não a banco: *I don't desk her*

Me cacho en diez: *I piece in ten*

Podemos concluir com os exemplos do cruzamento de línguas, onde a forçagem é o que conta:

Estou tristonho: *S Toy Tree StoneYou*

Velha molesta e feiosa: *Be Ham Mall less stay faith oh say*

Este intento de tradução, esta intradução pelo som que contempla a passagem de línguas, em uma polifonia languageira, implica em um pos-joyceanismo pelo que se escreve em varias línguas, e a tradução sempre falha se realiza as vezes pelo sentido e o fonemático, outras pelo som e o fônico, fazendo inevitavelmente equívoco de significação. Então se a esta in-tradução lhe adjuntamos seu laço a um fazer, uma tarefa qualquer com o que cada qual se singulariza, chamamos isso a política do sinthoma, a de as obras não sem o ato analítico resultado da interpretação.

Notas de tradução:

1. Forzagem é um neologismo em castelhano. Não consta em dicionário da Real Academia Espanhola. O critério de tradução foi de construir outro neologismo equivalente em português, fundamentado na idéia de que ambos guardam conexão sonora com a palavra “linguagem”.
2. Longaniza, pode se decompor em “longa” e niza (Niza em realidade).
3. Em castelhano “regalo” equivale a “presente”, como “agrado”.Re-galo, decompõe o castelhano “regalo” que traduz com aproximação a palavra “presente”.
4. Pituco, em castelhano portenho “chique”.
5. Estampilla traduz o português “selo”.Es = é; tan= tão; pilla= malandra.
6. Mazapán : mas= mais ; zapan: inverte pan-za: barriga é “buzarda” em lunfardo.
7. Moco e’pavo: expressão que significa, pela negativa, “algo de valor ou importante”.
8. Depilar: Pilar , nome de cidade argentina na Província de Buenos Aires.
9. Matete: confusão, em lunfardo.
10. Anda a freir churros: equivale aproximadamente a “vai tomar banho”.

Traducción y Notas : Sara Elena Hassan